

O patrimônio industrial da Fazenda São Vicente: conservação, recuperação e re-funcionalização do complexo cafeeiro de uma fazenda de café em Campinas, Brasil

Ivone SALGADO

Arquiteta e urbanista, professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Rodovia D. Pedro I, Km 136, Jd Santa Cândida, CEP 13020904, Campinas, SP, (19) 3756-7077, salgadoivone@uol.com.br

Luiz Cláudio Minniti Amoroso

Engenheiro civil, pesquisador pelo Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente - CESET/UNICAMP, Rua Camargo Pimentel, 421, Bairro Guanabara, CEP 13073340, Campinas, SP, (19) 3213-2424, luizdpa@terra.com.br

Maria Rita Silveira de Paula Amoroso

Arquiteta, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo - CEATEC, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Rua Camargo Pimentel, 421, Bairro Guanabara, CEP 13073340, Campinas, SP, (19) 3213-2424, maritadpa@terra.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar aspectos do restauro recente do patrimônio arquitetônico e industrial do complexo produtivo da Fazenda São Vicente, localizada no Município de Campinas e que foi uma das maiores produtoras de café no estado de São Paulo no início do século XX. A recente recuperação deste patrimônio se deveu ao fato da sede principal da fazenda ser obra atribuída a Ramos de Azevedo. Como a maioria dos estudos sobre Ramos de Azevedo se volta até o momento para a análise de uma arquitetura essencialmente urbana, procura-se revelar aqui outra face da produção técnica deste profissional, aquela voltada ao mundo rural.

Palavras-chave: patrimônio industrial, arquitetura rural, restauro arquitetônico.

Introdução

A Fazenda São Vicente, localizada em Campinas, estado de São Paulo, foi uma grande produtora de café, no auge do ciclo econômico cafeeiro brasileiro, no início do século XX. O complexo cafeeiro englobava um núcleo industrial, voltado para a produção, composto por terreiro, tulha, casa de máquinas e serraria. Entre os anos de 2003 e 2006, este núcleo industrial da fazenda, incluindo uma máquina de beneficiamento de café de produção brasileira, e a sede da mesma, com projeto de autoria de um dos mais importantes engenheiros-arquitetos do período, no estado de São Paulo, Ramos de Azevedo, foram objeto de recuperação e restauro.

A cultura do café no Brasil esteve diretamente relacionada com a evolução das técnicas de produção. Até a década de 1860, o maquinário para beneficiamento de café era rudimentar. Todavia, a partir desta data, inicia-se a introdução de máquinas industrializadas na lavoura de café brasileira. Doravante, o maquinário introduzido neste setor de produção era, ou importado, ou produzido pela incipiente indústria brasileira. Revelando uma liderança, não só no volume da produção mas no processo de industrialização, no início do século XX alguns fabricantes de máquinas conseguem agrupar em um único conjunto completo as diversas máquinas utilizadas no processo de beneficiamento do café, as chamadas *máquinas combinadas*. Um



Figura 1: Sede da Fazenda São Vicente, Campinas-SP, em processo de restauro. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2006.

Figura 2: Sede da Fazenda São Vicente, Campinas-SP, em fase final de restauro. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2006.

destes modelos foi introduzido na Fazenda São Vicente evidenciando como os saberes técnicos foram apropriados por agentes sociais no contexto de uma cultura burguesa, no auge do ciclo econômico do café no estado de São Paulo.

Introdução ao estudo das obras de Ramos de Azevedo

O professor Carlos A. C. Lemos, em sua clássica obra denominada *Alvenaria Burguesa*, publicada pela primeira vez em 1985, em São Paulo, pela Editora Nobel, nos revela sobretudo a cultura profissional no campo da engenharia e da arquitetura existente na cidade de São Paulo, na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do séculos XX.¹

Um dos personagens que se destacam neste percurso é o arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, brasileiro, formado na Bélgica – Université de Gand – onde se matriculou em 1875. Após concluir seus estudos, Ramos de Azevedo voltou ao Brasil e estruturou a sua vida profissional na cidade de Campinas, de onde havia partido para realizar seus estudos. Em Campinas realizou algumas obras que lhe dariam renome e chamariam a atenção do então governador da Província, o Visconde de Parnaíba, considerado o grande promotor e incentivador da decisão do jovem e talentoso arquiteto de mudar-se

para São Paulo em 1886, quando convidado para construir a sede do Tesouro Nacional.²

O mesmo professor Carlos A. C. Lemos nos apresenta, na obra já comentada e em outra especificamente dedicada ao renomado arquiteto, denominada *Ramos de Azevedo e Seu Escritório*, publicada em 1993, pela Editora Pini em São Paulo, o percurso profissional de Ramos de Azevedo que, entre outros, fundaria o Liceu de Artes e Ofícios em São Paulo e a Escola Politécnica de São Paulo.³

Muitos dos edifícios públicos projetados e construídos por Ramos de Azevedo na cidade de São Paulo, e também muitas das habitações – palacetes burgueses – construídos por este renomado profissional, nos são apresentados nestas obras literárias e complementarmente num trabalho que uma aluna do professor Carlos Lemos, Maria Cristina Wolff de Carvalho, desenvolveria posteriormente em sua Tese de Doutorado, publicada pela Editora da USP no ano de 2000, denominada *Ramos de Azevedo*. Este último trabalho nos revela ainda, de forma ampla e criteriosa, todo o percurso de formação do arquiteto no exterior.⁴

A atuação profissional de Ramos de Azevedo em Campinas foi objeto de estudo específico de Ana Maria Monteiro Góes e os resultados desta pesquisa foram apresentados na sua Dissertação de

¹ Carlos Lemos. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo, Editora Nobel, 1985.

² Maria Cristina Wolff de Carvalho. "A Arquitetura de Francisco de Paula Ramos de Azevedo: o itinerário profissional do engenheiro arquiteto, protagonista da introdução dos modelos europeus em São Paulo, na virada do século", *Revista do Departamento do Patrimônio Histórico*, São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Ano V, n. 5, janeiro de 1998, p.9.

³ Carlos Lemos: *Ramos de Azevedo e Seu Escritório*. São Paulo, Editora Pini, 1993.

⁴ Carvalho Maria Cristina Wolff. *Ramos de Azevedo*. São Paulo, EDUSP, 2000.

Mestrado de 2000, intitulada Ramos de Azevedo: presença e atuação profissional Campinas 1979 – 1886. Neste trabalho a autora desvenda toda a trajetória profissional de Ramos de Azevedo em Campinas.⁵

Estes principais biógrafos de Ramos de Azevedo e outros historiadores da arquitetura paulista do período, como Eudes Campos, têm estudado a obra deste engenheiro-arquiteto através de uma concepção interdisciplinar abrangendo diferentes campos do conhecimento, como a própria história, as técnicas construtivas, a formação profissional, o urbanismo, a arquitetura e engenharia, entre outras.⁶

O diálogo da história com outros campos do saber revelou, até o momento, que Ramos de Azevedo produziu uma obra essencialmente urbana.

Embora o professor Carlos Lemos chame a atenção para a existência de projetos de Ramos de Azevedo voltados para uma arquitetura campestre, desde a publicação da primeira obra comentada, onde revela o projeto de residência neste estilo, projeto este para o qual se ignora a concretização, ainda está por se fazer um estudo sobre o tema e é esta a investigação que está em curso e que pretendemos apresentar nesta comunicação.⁷

Segundo Eudes Campos, “o que distingue Ramos de Azevedo de seus colegas predecessores não é tanto o brilho de seu talento, mas o fato de ter encontrado na capital paulista uma situação política, econômica e sociocultural bastante favorável ao vertiginoso florescimento de sua carreira, - apoiada esta carreira, naturalmente, nas qualidades intrínsecas necessárias ao bom êxito profissional de um grande empresário da arquitetura e construção civil”.⁸

No início do século XX Ramos de Azevedo passa a ser o “arquiteto oficial da cidade”, segundo Silvia Haskel e Lucia Gama, pois o mesmo seria o responsável pelas principais obras públicas então realizadas. O engenheiro-arquiteto passa a ser um personagem engajado no processo de modernização de São Paulo, processo este que visava colocá-la ao lado das principais cidades burguesas da época.⁹

Segundo Eudes Campos foi intensa a febre construtiva na cidade de São Paulo nos anos entre de 1870 e 1880. Paralelamente à produção oficial, não descura

Ramos de Azevedo e demais engenheiros atuantes no período de atender à demanda do estrato mais elevado da sociedade paulistana, que desde alguns anos recorre a profissionais diplomados para o projeto e construção de edifícios das mais variadas naturezas. Estes engenheiros, como Mateus Haussler e Ramos de Azevedo, construíam para os Pais de Barros. Mateus Haussler, alemão, que já estava em São Paulo em 1882 e seria escolhido em 1886 pelo presidente da Província para idealizar a Hospedaria dos Imigrantes, construiu a suntuosa mansão de estilo neo-renascentista de Antonio Pais de Barros, na rua Florêncio de Abreu, por volta de 1887/1888.¹⁰

Atendendo ainda à demanda desta família, Ramos de Azevedo projetaria a Fazenda São Vicente, localizada em Campinas, para Genebra de Barros Leite, a Baronesa de Limeira.

O processo de tombamento da Fazenda São Vicente

Em 20 de junho de 2003, o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (CONDEPACC) abriu *ad referendum* um processo de estudo de tombamento de parte do leito férreo da antiga Estrada de Ferro Mogiana incluindo neste processo a Fazenda São Vicente, com a sede projetada por Ramos de Azevedo.

A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação foi fundada em 1872 e teve o seu primeiro trecho de estrada de ferro construído com 31 quilômetros de extensão ligando Campinas a Jaguary, hoje município de Jaguariúna. Este primeiro trecho da Estrada de Ferro Mogiana foi inaugurado em 1875 e seu marco zero foi a Estação Central de Campinas construída na confluência com a Estrada de Ferro da Companhia Paulista. A três quilômetros da estação central, no Bairro do Guanabara, seria construída a Estação Guanabara. O ponto final desta linha férrea era a Estação de Jaguary, a 41 quilômetros da estação central, hoje no município de Jaguariúna. O processo de tombamento em questão não inclui estas três estações, Central, Guanabara e Jaguary, nem suas áreas envoltórias, pois as mesmas já são patrimônios históricos tombados pelo conselho.¹¹

O processo iniciado em 2003 pelo CONDEPACC refere-se ao tombamento de parte do leito férreo

⁵ Ana Maria Monteiro Goes. Ramos de Azevedo: presença e atuação profissional Campinas 1979 – 1886. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas, 2000.

⁶ Eudes Campos: Arquitetura Paulistana sob o Império. Aspectos da Formação da Cultura Burguesa em São Paulo. São Paulo, Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1997.

⁷ Carlos Lemos 1985, op. cit.

⁸ Eudes Campos: “O ecletismo paulistano no tempo do jovem Ramos de Azevedo”. Revista do Departamento do Patrimônio Histórico, São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Ano V, n. 5, janeiro de 1998, p. 31.

⁹ Silvia Haskel & Lucia Gama. “Ramos de Azevedo e a cidade”. Revista do Departamento do Patrimônio Histórico, São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Ano 5, n. 5, janeiro de 1998, p. 22. Sobre a modernização das casas paulistanas remetemos a: Maria Cecília Naclerio Homem: O Palacete Paulistano e outras formas de morar da Elite Cafeeira-1867-1919. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

¹⁰ Eudes Campos, 1998, op. cit., p. 31.

¹¹ Processo de Tombamento n.º 003/03 Protocolo 10/17641/03 INT: CONDEPACC. Prefeitura Municipal de Campinas.

localizado no município de Campinas e que pertenceu à antiga Estrada de Ferro Mogiana, especificamente o trecho entre a Estação Anhumas, que fica a dez quilômetros da estação central, e a Estação Carlos Gomes, que fica a vinte e sete quilômetros da estação central. Pertencem ainda a este trecho da estrada de ferro: a estação Pedro Américo, localizada no quilômetro 15, a Estação Tanquinho, localizada no quilômetro 20 e a Estação Desembargador Furtado, localizada no quilômetro 24. A maior parte destas estações ferroviárias eram na sua origem apenas plataformas construídas em pedra para o embarque do café ou de outras mercadorias, durante o período áureo do ciclo do café na região. As estações objeto do processo de tombamento e ainda hoje existentes, Anhumas, Pedro Américo, Tanquinho e Desembargador Furtado, foram inauguradas em 1926 e a estação Carlos Gomes em 1929.

As paradas do ramal férreo foram definidas no passado em função das fazendas produtoras de café existentes na região¹². O processo de tombamento em questão envolve duas áreas: uma que se estende do atual centro de Campinas até a Estação Anhumas, referindo-se somente ao leito férreo, pois alguns edifícios nela existentes já estão tombadas; e outra que vai da Estação Anhumas em diante, em trecho pertencente ao município de Campinas, com áreas envoltórias de 300 m das Estações: Anhumas, Pedro Américo, Tanquinho, Desembargador Furtado e Carlos Gomes. Neste trecho, o objeto do tombamento inclui a Fazenda São Vicente com sua sede que possui projeto de autoria de Ramos de Azevedo, o trecho da Mata Nativa na sua envoltória e a Estação Pedro Américo, localizada originalmente nesta fazenda que se denominava anteriormente Fazenda São José.

A área do latifúndio no qual hoje se encontra a Fazenda São Vicente, com sua sede e complexo de produção e beneficiamento de café restaurados no início do século XXI, originalmente, pertenceu ao Brigadeiro Luís Antônio de Souza. O latifúndio original denominava-se Fazendinha, originado em escrituras datadas de nove de outubro de 1813 e vinte e três de agosto de 1814. Nesta época, Luiz Antonio de Souza foi o maior proprietário de engenhos em Campinas. Em 1818, este latifúndio foi registrado como bens rústicos, comportando 2.807 alqueires. A propriedade, por herança, passou ao Barão de Limeira, filho do brigadeiro, e sua esposa.

Em 1851, a Fazendinha produzia 6 mil arrobas de açúcar e 5 mil arrobas de café. Com a morte do barão, em 1872, a Baronesa de Limeira assumiu a propriedade em sociedade com os filhos. Em 1885, a fazenda possuía 250 mil pés de café, com terreiro atijolado.

No quinquênio entre os anos de 1901 e 1905, o Estado de São Paulo foi responsável por 63 % da produção exportável de café brasileira, o que correspondeu a 41,3 milhões de sacas de café.¹³ Tem-se no período, portanto, uma média anual de 8,26 milhões de sacas de café produzidas no Estado de São Paulo.

Em 1900, o latifúndio que pertencia, ainda, à Baronesa de Limeira e filhos atingiu a produção de 15 mil arrobas de café, o que correspondia a 3.750 sacas, aproximadamente 0,045 % da produção do estado, conferindo-lhe o status de uma grande produtora de café. Foi neste ano que a Baronesa de Limeira dividiu o latifúndio entre filhos, dando origem à Fazenda São Vicente.¹⁴

No mesmo ano de 1900, a parte da propriedade que pertencia à Baronesa de Limeira e filhos e produzia 6 mil arrobas de café e em 1914, a propriedade pertencia a uma das filhas da Baronesa de Limeira, Alice, e a Carlos Pais de Barros, seu marido, e contava com 200 alqueires de terras e 92 mil pés de café.

Arquitetura campestre no ciclo econômico paulista do café

Diferentemente do Rio de Janeiro, cidade irradiadora de novidades cortesãs desde os primeiros anos do século XIX, São Paulo até o ano de 1850 praticamente não conheceu nenhuma novidade arquitetônica. Já no início do século, o café levou prosperidade às cidades do Vale do Paraíba que gravitavam em torno do Rio de Janeiro. Mas a abastança chegou à capital da província de São Paulo somente depois que o café suplantou a cana no antigo quadrilátero do açúcar e após a instalação da estrada de ferro pelos ingleses, em 1867. A partir daí São Paulo assumiu sua liderança como centro político e econômico e no final da década de 1870. Com a chegada de outras ferrovias - a Sorocabana e a Central do Brasil, a cidade de São Paulo se transformou em passagem obrigatória da produção do café e da riqueza, e Santos passou a mandar para São Paulo, e de lá para o interior da

¹² Sobre a arquitetura rural campineira remetemos à obra de Celso Maria de Mello Pupo - Campinas, Município no Império: Fundação e Constituição, Usos Familiares, a Morada, Sesmarias, Engenhos e Fazendas. São Paulo, Imprensa Oficial, 1983.

¹³ Ver Wilson Cano: Raízes da Concentração Industrial em São Paulo, T. A. Queiroz Editor, São Paulo, 1983, p. 46.

¹⁴ A Baronesa de Limeira era filha de Maria de Barros Leite e Francisco de Paula Souza e Mello; e neta, por parte de mãe, de Maria Paula Machado e Antonio de Barros Penteadó.

¹⁵ Carlos Lemos: "Ecletismo em São Paulo". In: FABRIS, Annateresa: Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo, Nobel/Edusp, 1987, p.72-73.

¹⁶ Vladimir Benincasa: Velhas Fazendas: arquitetura e cotidiano nos Campos de Araraquara 1830 a 1930. São Carlos, EdUFSCar; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, p.290.

¹⁷ Vladimir Benincasa: op. cit., p. 290.

¹⁸ Eudes Campos: "São Paulo: desenvolvimento urbano e arquitetura sob o Império", In: PORTA, P. (org.). História da cidade de São Paulo: a cidade no Império 1823-1889 231-232, São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

¹⁹ Vladimir Benincasa: op. cit., p. 291.

província, as novidades do mundo. A taipa velha foi definitivamente substituída pelo tijolo.¹⁵

Foi a partir desta época que a riqueza advinda do ciclo econômico do café fez com que as casas de fazenda na região de Campinas se tornassem maiores e mais imponentes quando se percebe, então, o uso do sobrado em substituição à tipologia mineira de padrão térreo com aproveitamento do declive do terreno. A nova tipologia desta arquitetura campestre apresenta uma casa elevada sob um porão, sobressaindo na paisagem e com maior requinte de decoração, inclusive na pintura mural onde eram utilizadas faixas decorativas.

A construção da nova sede da Fazenda São Vicente revela este ideal de modernização fazendo substituir a sede antiga que respondia à tipologia mineira de padrão térreo com aproveitamento do declive do terreno, edificação esta ainda hoje existente na propriedade.

A nova sede revela uma tipologia construtiva utilizada por Ramos de Azevedo para sedes de fazenda. Embora o estudo sobre a arquitetura campestre na obra de Ramos de Azevedo ainda esteja por se fazer, como nos sinaliza o professor Carlos Lemos, alguns estudos recentes sobre outras obras do mesmo arquiteto podem contribuir para esta análise. É o caso do estudo sobre a Fazenda Palmital na cidade de Ibaté, próxima à São Carlos, também projeto de Ramos de Azevedo e que foi objeto de análise detalhada recente por Vladimir Benincasa. O engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo teria projetado ainda, em Campinas, a sede da Fazenda Pau D'Alho; todavia ainda não existe estudo bibliográfico disponível sobre a mesma.

A Fazenda Palmital, aberta em 1870, tem a construção do edifício sede datada de meados da década de 1890, quando pertencia à família Moreira de Barros, mesmo período no qual foi construída a nova sede da Fazenda São Vicente em Campinas, que também pertencia à família Barros.¹⁶

Vladimir Benincasa classifica a sede da fazenda Palmital em São Carlos como um "verdadeiro palacete urbano". Se considerarmos os seus aspectos tipológico-estilísticos e observarmos com acuidade as diversas sedes de fazenda projetadas pelo engenheiro-arquiteto podemos argumentar

pela construção de um tipo específico, que revela uma arquitetura campestre.¹⁷

Para Eudes Campos, a dissociação entre a sintaxe compositiva e o vocabulário formal era, desde os ensinamentos de J. N. L. Durand (1760-1834), um dos traços mais marcantes da arquitetura eclética. O autor afirma, ainda, que o uso da referência à arquitetura gótica estava intimamente ligado às convenções do ecletismo tipológico-estilístico e às concepções de modernidade e civilização, constituindo por este motivo uma sedutora tentação em relação aos estilos classicistas em voga. Esta tipologia construtiva utilizada nas fazendas de Ramos de Azevedo insere-se neste período de manifestação do ecletismo tipológico-estilístico.¹⁸

Uma análise comparativa entre as sedes da Fazenda Palmital e da Fazenda São Vicente nos permite verificar a constituição de uma tipologia específica para a arquitetura campestre presente na implantação da sede no terreno, na formação do alpendre e a partir dele na distribuição dos cômodos principais, nas janelas e portas e suas molduras, no volume da construção, no desenho da fachada, nos telhados, na utilização do ferro fundido, no uso do concreto armado e no uso do porão.

Quando a arquitetura eclética passa a ser utilizada nas casas rurais, as fachadas vão se tornando cada vez mais simétricas, tendo ao centro a porta principal definida geralmente a partir de um alpendre, como na Fazenda São Vicente.

De acordo com Vladimir Benincasa, "a alteração da planta residencial, inspirada no padrão francês, cresceu com a inclusão de diversos cômodos", com funções inimagináveis em terras paulistas: vestíbulos, salas para música, salão de jogos, *fumoir*, escritórios, copa, etc... De acordo com as regras higienistas, amplamente divulgadas no final do século XIX, todos esses cômodos deviam ser suficientemente iluminados, o que gerou inúmeras saliências na planta, cujos espaços restantes, ao serem cobertos, tornaram-se alpendres de vários tamanhos e nas várias faces das edificações. Isso podemos notar na movimentação do telhado da sede da Fazenda São Vicente tanto na fachada principal como na sua fachada lateral criando dois alpendres distintos.¹⁹

A Fazenda São Vicente se destaca na sua proporção e equilíbrio no trabalho de seus beirais, grimpas e ponteiros de madeira, sobressaindo-se à distância com delicadeza e requinte. Seus alpendres com grades e colunas de ferro onde se tem o domínio de toda a fazenda, não apenas do controle de suas áreas de trabalho como tulha, serraria e terreiros, como também da capela, dos jardins e dos lagos.

A imponente localização da sede, na parte mais alta do terreno, revela também as preocupações com as normas de higiene da época e expressa todo o poder de uma aristocracia que está sabendo usufruir no meio rural de todas as inovações que o século XIX estava lhe proporcionando.

Quanto à formação do alpendre, assim como na Fazenda Palmital, na Fazenda São Vicente tem-se, a partir do alpendre, o acesso a três cômodos: o vestíbulo, a sala de visitas ou sala de jantar e um terceiro cômodo que pode ter sido um escritório, uma biblioteca, ou mesmo um dormitório. A porta principal, situada ao centro da parede do fundo do alpendre, dá acesso ao mencionado vestíbulo. Ainda, o acesso ao alpendre, nas duas fazendas, se faz a partir de uma escada dupla. O alpendre da Fazenda São Vicente possui uma laje executada com tijolos e trilhos de ferrovia apresentando uma concretagem rudimentar e a utilização de cerâmica hidráulica decorada com motivos florais no seu revestimento superior, assim como na Fazenda Palmital. Os alpendres, das duas fazendas, também possuem forros inclinados acompanhando o declive do telhado; gradil de proteção executado em ferro com corrimão de madeira; colunas delgadas com mãos francesas em ferro sustentando o telhado; empenas em madeira.

Com a Revolução Industrial na Europa o Brasil passou a importar de tudo, desde elementos pré-fabricados, metálicos ou de madeira, como escadas, grades, portas, janelas, pilares, calhas e rufos, condutores de água, condutores de cobre, vasos e lavatórios de louça para banheiros, etc. e ainda produtos decorativos como lustres de cristal, arandelas, papéis de parede, cantoneiras, ladrilhos decorados, azulejos, pinhas e vasos de porcelana e louça, maçanetas. Dentre os diversos elementos importados, o vidro trazido para cá em grande quantidade se tornaria um item acessível para a construção permitindo que a janela guilhotina envidraçada trouxesse mais iluminação e ventilação à casa brasileira.²⁰

Tanto na Fazenda Palmital (em Ibaté), como na Fazenda São Vicente (em Campinas), recorreu-se a um elemento decorativo que era muito utilizado para esconder as calhas e condutores metálicos, os lambrequins de madeira.

Podemos concordar com Eudes Campos quando afirma que a divulgação da arquitetura privada em São Paulo dava-se de forma oral, entre familiares e amigos dos encomendantes, propiciando que determinados projetistas se tornassem praticamente exclusivos de certos círculos burgueses, como Haussler entre os Pais de Barros (depois ligado a Elias Chaves), Ramos de Azevedo entre os Paula Souza e os Sousa Queiroz e Pucci entre os Prado.²¹

Cabe, todavia, acrescentar que Ramos de Azevedo também frequentava os círculos da família Paes de Barros, tendo ali obtido várias encomendas, inclusive a da Fazenda São Vicente.

O núcleo industrial da Fazenda São Vicente

Segundo André Munhoz Argollo Ferrão, o processo de produção industrial do café, quando desenvolvido integralmente na fazenda, ocupava, nos vários estágios, estruturas que podem ser consideradas elementos básicos do planejamento da propriedade. Estas estruturas eram compostas por elementos que se destacavam pela sua importância como espaço produtivo, pois sem eles não se poderia obter o café beneficiado pronto para a exportação ou torrefação. Estes elementos básicos formariam um núcleo industrial da fazenda cafeeira, sendo composto pelo terreiro (e seus acessórios), pela tulha e pela casa de máquinas, com seus componentes.²²

A atual Fazenda São Vicente, de propriedade da família Paes de Barros e construída pela Baronesa de Limeira, possuiu um complexo cafeeiro que ainda hoje engloba: a sede principal, projeto de Ramos de Azevedo, a residência do administrador e o núcleo industrial. Este é composto pelo terreiro, com seus acessórios, pela tulha e pela casa de máquinas, ambas justapostas em uma única construção, e, ainda, uma serraria totalmente integrada ao complexo. Entre os anos de 2003 e 2006, todo este complexo foi objeto de restauro.

O núcleo industrial da Fazenda São Vicente pode ser assim descrito:

²⁰ Vladimir Benincasa: op. cit., p. 290.

²¹ Eudes Campos: 1997, op. cit., p. 278.

²² André Munhoz de Argollo Ferrão: *Arquitetura do Café*. Campinas, Editora da UNICAMP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2004, p. 118.

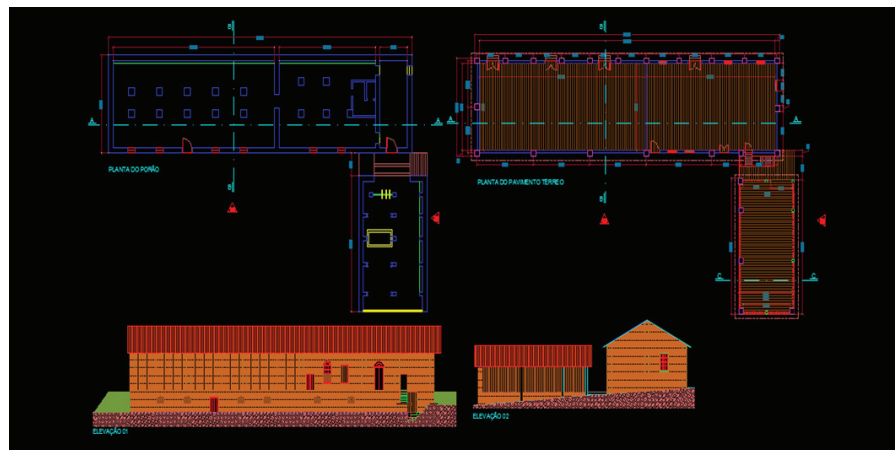
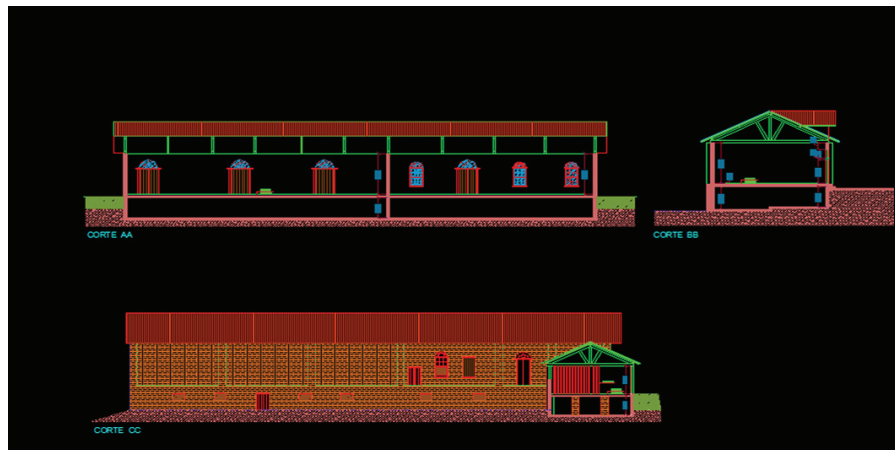


Figura 3: Elevação e cortes da tulha, casa de máquinas e serraria da Fazenda São Vicente, Campinas –SP. Fonte: Desenho da arquiteta restauradora Maria Rita de Paula Amoroso, 2004.

Figura 4: Plantas e elevação da tulha, casa de máquinas e serraria da Fazenda São Vicente, Campinas –SP. Fonte: Desenho da arquiteta restauradora Maria Rita de Paula Amoroso, 2004.

Terreiro

O complexo do terreiro é composto de nove terreiros propriamente ditos, somando uma área de 15.200 metros quadrados, que se destinavam à secagem do café e um tanque de água acoplado a este complexo, o lavador de café, pois nesta fazenda o tratamento do café se fazia por via húmida.

No início do século XX, um lavador de café consistia num tanque rectangular com uma bica que, segundo um manual técnico da época, de Augusto Ramos, funcionava do seguinte modo:

“introduzida na bica, em sua extremidade mais elevada, a água por ele corre, alcançando o nível

*determinado pelo grão de estrangulamento na sahida, nível esse atingido também pela água do tanque que é previamente cheio. Em seguida, moderadamente, derrama-se na bica o café a lavar o qual é arrastado pela corrente líquida e perde logo a terra que lhe estiver adherente. O café assim introduzido divide-se imediatamente em duas porções. Uma que fluctúa, consta do café bóia ou café côco, o qual percorre toda a bica, vence-lhe o estrangulamento e segue para o terreiro. A outra parte compõe-se de café cereja maduro ou verde, o qual rolando pelo fundo da bica precipita-se pela respectiva fresta, cahindo no tanque onde, transpondo o orifício de sahida, é pela água conduzido até o despoldador.”*²³

²³ Augusto Ramos: . O café no Brasil e no Estrangeiro. São Paulo, Pap. Santa Helena, 1923, p. 143.



Figura 5: Parte dos terreiros deterioradas antes do restauro do complexo cafeeiro da Fazenda São Vicente, Campinas, SP. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2005.



Figura 6: Estado de conservação das lajotas antes do restauro dos terreiros do complexo cafeeiro da Fazenda São Vicente, Campinas, SP. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2004.



Figura 7: Terreiros, canaletas e muros restaurados do complexo cafeeiro da Fazenda São Vicente, Campinas, SP. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2006.



Figura 8: Tulha, casa de máquinas e terreiros em restauro; ao fundo a sede.. Complexo cafeeiro da Fazenda São Vicente, Campinas, SP. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2006.

Figura 9: Telhas da tulha com produção do tipo nas coxas. Aspecto após o restauro do complexo cafeeiro da Fazenda São Vicente, Campinas, SP. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2007.

Figura 10: Aspecto da tulha anterior ao restauro com umidade na parte inferior das paredes que estava comprometendo a edificação. Complexo cafeeiro da Fazenda São Vicente, Campinas, SP. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2003.

Figura 11: Trilho francês Decauville da vagonete e dos terreiros restaurados do complexo cafeeiro da Fazenda São Vicente, Campinas, SP. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2004.

Figura 12: Tulha e casa de máquinas que se encontram numa mesma edificação longitudinal. Aspecto após o restauro do complexo cafeeiro. Fazenda São Vicente, Campinas, SP. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2006.

Após este sistema de lavagem do café ele era conduzido pelos diversos terreiros montados a partir de planos diferenciados por cotas, onde canaletas conduziam e direcionavam o café por gravidade. As canaletas foram construídas em tijolos fabricados na própria fazenda; possuíam grelhas e comportas de ferro fundido que transferiam o café para os terreiros desejados. Depois de seco o café ao sol, um sistema de transporte através de trilhos e carrioles de madeira levava o café para a tulha. Os trilhos encontrados nestes terreiros tinham fabricação francesa da marca "Decauville".

Tulha

A tulha da Fazenda São Vicente é uma construção de tijolos de barro fabricados na própria fazenda, coberta com telhas de barro capa e canal, sendo sua produção do tipo nas coxas, que consistia da produção das telhas sendo moldadas nas pernas dos operários. Também foram fabricadas na

própria fazenda as portas, janelas e assoalho em madeira, cedro, madeira esta existente na mata da fazenda quando de sua construção. As paredes internas da tulha eram revestidas de madeira até o teto. A tulha, com dimensão de 40m por 12m, somando 480 metros quadrados, era dividida em três partes, destinada ao armazenamento do café, já lavado e seco.

Casa de máquinas

Da tulha, o café era transportado para a casa de máquinas por um sistema que utilizava rosca sem fim, uma rosca contínua movida através de polias e roldanas acionadas por um motor elétrico central. Uma polia, com diversas conchas metálicas, servia para pegar o café próximo ao final da rosca sem fim, na parte inferior da tulha ou porão, e levá-lo até a parte superior na entrada da máquina de beneficiamento.





Figura 13: Máquina-combinada para beneficiamento do café, da Indústria Máquinas São Paulo, de Limeira; Fazenda São Vicente, Campinas, SP. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2006.

Figura 14: Telhado restaurado da casa de máquinas do complexo cafeeiro da Fazenda São Vicente, Campinas, SP. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2006.

A casa de máquinas da Fazenda São Vicente comportava o maquinário necessário para o beneficiamento do café, composto de: uma máquina beneficiadora (“Machina São Paulo” tipo 2, nº 2473) um catador de pedra (“Machina São Paulo”, nº 2890), ambos da Companhia Industrial Machina São Paulo, Limeira, Estado de São Paulo, Brasil; e, ainda, um descascador.²⁴

A máquina de beneficiamento do café era composta de tambores metálicos, peneiras separadoras, aletas de madeira, roldanas e polias e servia para retirar a sujeira do café, retirar as cascas e separar o café por peso. Era um sistema muito inteligente que utilizava as aletas de madeira para produzir vento necessário para carrear e separar o café.

Todo o movimento desta máquina era integrado e alimentado por roldanas e polias interligadas ao motor elétrico central.

No porão da casa de máquinas se encontrava o motor que acionava o maquinário da tulha e a serraria. Uma chave-faca, localizada no piso da casa de máquinas, ao lado da máquina de beneficiamento, era acionada por partida contínua.

É importante salientar que o motor elétrico não fazia funcionar apenas as máquinas de transporte e beneficiamento do café, mas também era responsável pelo funcionamento de outra grande máquina

existente na fazenda, na serraria, onde eram cortadas as toras de madeira para uso local.

Serraria

A serraria funcionava em um galpão situado ao lado do casarão da tulha, galpão este que foi o primeiro a ser construído para cortar as madeiras a serem empregadas nas construções da fazenda, inclusive a madeira da tulha e da casa de máquinas.

O galpão da serraria foi executado todo em estrutura de madeira maciça e tijolos de barro aparente, sem revestimento, assim como o casarão da tulha. Sua dimensão é de 8,5 m por 16 m, somando 136 metros quadrados. O galpão da serraria foi coberto por telhas manuais feitas nas coxas.

Este galpão era um espaço que servia para abrigar uma grande serra, máquina constituída por uma enorme lâmina vertical que cortava as toras de madeira no sentido vai e vem. Esta máquina era alimentada também pela força motriz do motor elétrico principal através de um sistema longo de roldanas e polias. Colocava-se a tora a ser cortada sobre um carrinho de madeira e metal composto de polias e roldanas. Ao ligar o sistema da serra este carrinho andava sobre um trilho e a lâmina cortava a madeira. A grande serra era uma máquina extremamente pesada apoiada em duas colunas principais de madeira maciça.

²⁴ “Indústria Frederichi”, tipo 1, Marques de Santo Antunes LTDA, Pinhal, CM, Estado de São Paulo.



Figura 15: Serraria da Fazenda São Vicente, Campinas, SP, antes do restauro. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2004.

Figura 16: Serraria da Fazenda São Vicente, Campinas, SP, em processo de restauro. Fonte: Foto de Maria Rita de Paula Amoroso, 2006.

A máquina de beneficiamento de café da Fazenda São Vicente

No início do século XIX, no estado de São Paulo, com o intuito de fabricar por menor custo e assim mais facilmente vender máquinas completas para beneficiar o café, começaram a surgir fabricantes de máquinas que procuravam agrupar em um único conjunto completo as diversas máquinas até então utilizadas no processo de beneficiamento do café, as chamadas máquinas combinadas. Este agrupamento reduzia as despesas de transmissão entre colunas, eixos, mancais, polias e correias, diminuindo a força motriz para movimentar a instalação.²⁵

Dentre estas invenções, uma das máquinas combinadas de beneficiamento de café produzida pela Companhia Industrial Machina São Paulo, com sede na cidade de Limeira, no estado de São Paulo,

foi introduzida na Fazenda São Vicente no começo do século XIX.

Segundo André Munhoz de Argollo Ferrão, a importância social e econômica da cultura do café no Brasil pode ser explicada também pela evolução das técnicas de produção. Até a década de 1860, no Brasil, o maquinário para beneficiamento de café era rudimentar, embora não se encontrasse defasado em relação a outros produtores de café – as colônias de nações europeias. Em alguns aspectos, encontrava-se mesmo adiantado, principalmente no que se refere ao maquinário empregado no processo produtivo do café. Porém, a maioria dos equipamentos tinha como característica comum o alto desperdício de energia com um baixo rendimento.²⁶

Todavia, o baixo rendimento das máquinas desse período era compensado pelo baixo custo de

²⁵ Augusto Ramos: op. cit., p. 192.

²⁶ André Munhoz de Argollo op. cit., p. 59-60.

obtenção da energia hidráulica, bem como pela disponibilidade de matéria-prima e mão-de-obra para a sua construção, operação e manutenção dos cafezais. A introdução de máquinas industrializadas na lavoura de café brasileira pode ser percebida entre as décadas de 1860 e 1870, como despoldadores, estufas e secadores mecânicos. O beneficiamento antes feito por maquinário primitivo – monjolo, carretão e engenho de pilões – passa a ser mais eficiente, com o uso de modernas máquinas importadas ou já fabricadas em oficinas brasileiras, como as Lidgerwood, as MacHardy e outras.²⁷

27 André Munhoz de Argolo op. cit., p. 65.

28 João Augusto Cardoso: "Dr. Trajano: Cem Anos de História Dedicada à Limeira". O Limeirense. (Prêmio Jornalístico Trajano de Barros Camargo - 1º Lugar - Categoria Jornalismo Impresso) - Departamento de Imprensa. Secretaria de Educação e Cultura. Prefeitura Municipal de Limeira, 1999, p. 21.

Entre as novidades da indústria de beneficiamento do café no Brasil, aparecem os aparelhos descascadores, basicamente de dois tipos - os circulares e os dentados - e os despoldadores - os de cilindro e os de disco.

A máquina de beneficiamento de café, encontrada na Fazenda São Vicente, é um modelo de máquina combinada, composta de tambores metálicos, peneiras separadoras, aletas de madeira, roldanas e polias, que servia para retirar a sujeira do café, retirar as cascas e separar o café por peso.

Esta máquina possuía um sistema muito inteligente que utilizava as aletas de madeira para produzir vento necessário para carrear e separar o café. Todo o movimento desta máquina era integrado e alimentado por roldanas e polias interligadas ao motor elétrico central sendo o maquinário de fabricação brasileira, como já citado, produzido pela Companhia Industrial Machina São Paulo.

O inventor da "Machina São Paulo" foi Trajano de Barros Camargo, um engenheiro civil formado no Mackenzie College em 1909 que partiu em 1910 para os Estados Unidos da América, para cursar pós-graduação em Mecânica (industrial) na Universidade de Winsconsin, em Madsen. Sua estadia nos Estados Unidos da América foi breve, pois retorna ao Brasil em 1911 sem concluir seus estudos. No Brasil passa a lecionar matemática na Escola Agrícola Luiz de Queiroz, em Piracicaba, também estado de São Paulo.

Em 1914, Trajano de Barros Camargo constitui sociedade com Abelardo Aguiar de Souza e Antonio Augusto de Barros Penteadado, seu cunhado, e assinam o primeiro contrato de constituição da indústria

"Souza Penteadado e Cia", primeiro nome da indústria que fabricava a "Machina São Paulo", em Piracicaba, no dia 30 de janeiro de 1914, e registram-no em março de 1915.

Logo em seguida, a indústria que produzia a "Machina São Paulo", encontrada na Fazenda São Vicente, passa a se chamar "B. Penteadado & Cia", com a saída do sócio Abelardo Aguiar de Souza, que não havia concordado com algumas mudanças no equipamento propostas por Trajano de Barros Camargo. A sociedade "B. Penteadado & Cia" passa então a contar com apenas dois sócios: Trajano de Barros Camargo e Antonio Augusto de Barros Penteadado. A indústria se instala na cidade de Limeira, terra natal de Trajano de Barros Camargo.²⁸

Entre 1917 e 1930, "Machina São Paulo" passou a ser a denominação comercial de indústria "B. Penteadado & Cia", sob gerência do sócio Trajano de Barros Camargo e Antonio Augusto de Barros Penteadado passa a ser sócio comanditário.

Trajano de Barros Camargo descobre um método para separar os grãos da casca do café que revolucionaria a indústria e igualmente o beneficiamento cafeeiro. Nesta época, desenvolve a primeira máquina compacta para descascar café, através do processo de choque, com peneiras e vento para soprar as cascas, separando-as do café descascado. Até então, eram necessárias cinco máquinas para fazer o mesmo serviço. A indústria passou a se desenvolver mais ainda depois que ganhou a Medalha de Ouro na Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, em 1922.

Tal o sucesso destas máquinas de café, em fase de experimentação, que a "Machina São Paulo", em 1928, passa às vendas em larga escala para todo o Brasil e exterior.

Segundo João Augusto Cardoso, a Machina São Paulo era auto-suficiente, pois, adquiria apenas matéria-prima bruta: toras de madeira (que eram apenas desdobradas e aparelhadas pela serraria e trabalhadas pela carpintaria), metais brutos em ferro e aço, perfis laminados, ferro gusa, rolamentos, carvão coque e aço siderúrgico. Um dos interessantes casos que envolveu a ampla visão do industrial Trajano de Barros Camargo, foi a encomenda de importação de um navio de chapas galvanizadas

com liga de molibdênio, após utilizadas em algumas máquinas para maior resistência ao calor, umidade, e à acidez, com intenção de ampliar a durabilidade das mesmas. Podemos imaginar a surpresa de tal empresa norte-americana, por acreditar ser uma carga demasiada grande para o país, quanto mais para uma única indústria. A empresa telegrafou à “Machina São Paulo” para confirmar o pedido e enviou um representante ao Brasil para “visitar” pessoalmente a indústria limeirense. Além da garantia de matéria prima para a fabricação, assegurava a produção por muitos e muitos anos - tais chapas existiram durante toda a vida da indústria e foram desaparecendo com o passar do tempo sem se saber ao certo seu destino.²⁹

Com seus barracões repletos de máquinas prontas, com grande estoque de matéria-prima, em 1929, deflagra-se a queda da Bolsa de Valores de Nova

lorque. Neste ano o Brasil havia produzido uma safra recorde, de 40 milhões de sacas de café, e caem imediatamente as exportações. Com a saturação de mercado, a “Machina São Paulo”, com seus 700 funcionários, teve queda abrupta em suas negociações, foi obrigada a demitir semanalmente 50 funcionários, enquanto os restantes trabalhavam três dias por semana. Posteriormente, a indústria é forçada a vender seus estoques de máquinas e materiais pela metade do preço de mercado anterior ao da crise. Trajano de Barros Camargo, que talvez não tenha suportado esta crise, falece em 1930.

O complexo cafeeiro da Fazenda São Vicente, hoje totalmente recuperado e preservado, encontra-se em condições de funcionamento. Coloca-se em discussão hoje o destino e a função deste patrimônio industrial.

²⁹ João Augusto Cardoso: op. cit., p. 21.

The Industrial Heritage of Farm São Vicente: maintenance, restoration and re-functionalization of the coffee production of a plantation in Campinas, Brazil

Maria Rita Silveira de Paula Amoroso, Luiz Cláudio Minniti Amoroso, Ivone Salgado

Abstract

The aim of this paper is to present aspects of the recent restoration of architectural heritage and the industrial complex's production Fazenda São Vicente, located in the city of Campinas and was one of the largest producers of coffee in the state of São Paulo at the beginning of the twentieth century. . The recent recovery of this asset due to the fact that the headquarters of the farm work be awarded to Ramos de Azevedo. Like most studies on Ramos de Azevedo return until the time for the analysis of an essentially urban architecture, we here reveal another side of the production technique of this work, it turned to the rural world.

Keywords: industrial heritage, rural architecture, architectural restoration.

El patrimonio industrial de finanças San Vicente: la conservación, la restauración y re-funcionalización del complejo de una finca de café en Campinas, Brasil

Maria Rita Silveira de Paula Amoroso, Luiz Cláudio Minniti Amoroso, Ivone Salgado

Resumen

El objetivo de este trabajo es presentar los aspectos de la reciente restauración del patrimonio arquitectónico del complejo industrial de producción de la "Fazenda de São Vicente", ubicado en la ciudad de Campinas y que fue uno de los mayores productores de café del estado de São Paulo a principios del siglo XX. La reciente recuperación de esta propiedad se debe al hecho de que la obra della sede de los trabajos agrícolas fue atribuida a Ramos de Azevedo. Como la mayoría de los estudios sobre Ramos de Azevedo se vuelve, hasta el momento, para el análisis de una arquitectura esencialmente urbana, este trabajo tiene cómo objetivo revelar el lado de la producción técnica deste profesional, voltada para el ambiente rural.

Palabras clave: patrimonio industrial, la arquitectura rural, la restauración arquitectónica.